

Perigo à vista

Cláudio Chaves *

Se não bastasse a ameaça dos rábulas da oftalmologia intrometidos no ato médico da refratometria e autodenominados, imprópriamente, de optometristas e contactologistas, que, de quando em quando, tentam, muitas vezes de forma sorrateira, regularizar essas esdrúxulas profissões para concorrerem de forma desleal e antiética com os médicos especialistas em oftalmologia, agora mais dois outros enigmas avançam como um aríete em direção a toda a classe médica brasileira.

1. A nova Lei dos Planos de Saúde: o perigo de entregar-se a saúde dos brasileiros a cartéis de seguradoras multinacionais!

Embora o país necessite de uma legislação moderna e eficaz para coibir a exploração da saúde do povo por empresas inescrupulosas e enganadoras, que só visam ao lucro fácil, a nova Lei de Planos de Saúde, certamente com o objetivo de proteger, financeiramente, o consumidor, traz no seu bojo um artigo que vincula a quantidade de planos a serem comercializados com a reserva de capital da empresa. Até aí tudo bem, se não houvesse o dragão do capital das multinacionais! Com isso, o que pode acontecer são as grandes seguradoras internacionais fazerem parcerias com algumas poucas nacionais, sufocando todas as outras atuais existentes, e instalando o cartel da saúde nas mãos dessas seguradoras, que irão editar tabelas de honorários, às suas conveniências, e excluir pacientes e procedimentos de alto custo, levando os seus associados a obter essa assistência pelo SUS, consumindo, dessa forma, os recursos existentes da rede pública, agravando, ainda mais, a situação da saúde da população brasileira.

2. A saúde no Mercosul: o nivelamento por baixo!

A união dos países da América do Sul em um mercado comum, com objetivo de tornar mais forte a economia das nações sul-americanas, também oferece riscos à saúde dos brasileiros, pois dá igualdade de condições a profissionais e indústrias do setor saúde.

O que é muito salutar em outras áreas, torna-se deveras arriscado para a saúde, se não forem observados certos aspectos como: a grade curricular, o nível das escolas, certas profissões paramédicas não regularizadas no Brasil (optometria,

contactologia, cosmetologia, etc.) e o padrão de controle de qualidade das indústrias de medicamentos e materiais e equipamentos médicos.

Não podemos deixar que mais esses agravos se sobreponham aos muitos outros já existentes na saúde dos brasileiros.

Rui Barbosa, no seu clássico conceito de equidade - "As pessoas se desiguam na proporção em que se tornam desiguais. Não podemos tratar igualmente desiguais e nem desigualmente iguais" -, com muita clareza nos ensinou essa máxima!

Em consequência disso, jamais poderemos aceitar que o Mercosul seja o fator que irá promover a materialização de tão absurda desigualdade como farsa de igualdade.

Imperiosa, portanto, é a reflexão de todos para a participação política como mecanismo de defesa da saúde da população, numa verdadeira cruzada de ação nacional!

Faz-se mister, portanto, refletirmos, para não aumentarmos, ainda mais, a divisão da classe médica e, se possível, promovermos, o quanto antes, a união e o soerguimento de uma única entidade de classe, representando com maior poder os seus mais de duzentos e cinquenta mil pares. Miremo-nos no exemplo dos advogados, a sua representação de classe foi, é e, por certo, continuará sendo muito forte - a Ordem dos Advogados do Brasil - porque ela é uma!

Se fizermos um corte epistemológico na história do Brasil, a partir do período do Império, em termos de organizações de classe, vamos recordar que os médicos, a exemplo dos advogados, eram também congregados em uma única entidade: a Academia Nacional de Medicina. A sua subdivisão, ao longo do tempo, em vários organismos e a apatia à política dos seus membros, por certo, contribuíram para que a classe médica brasileira perdesse o seu poder de representação política no contexto do Estado.

Urge, por conseguinte, a união como sobrevivência e resistência, para sermos, efetivamente, os guardiões da saúde da população que a nós confia a sua dor, a cura das suas doenças e a sua esperança. Unamo-nos, pois, caros colegas, a fim de continuarmos a ser doutores, não deixando que nos transformem em bedéis, para, dessa maneira, podermos continuar a merecer da sociedade o reconhecimento à nossa dedicação, por estarmos sempre voltados para o servir.

* Médico oftalmologista, professor doutor de oftalmologia da Universidade do Amazonas e suplente de deputado federal.